

Estratégias das primeiras psiquiatras brasileiras na consolidação de suas carreiras: a centralidade da psicanálise para o avanço profissional (1941-1970)


Strategies of the first Brazilian psychiatrists in the consolidation of their careers: the centrality of psychoanalysis for professional advancement (1941-1970)



MARTINS, Ygor *

 [https:// orcid.org/0000-0001-5782-1158](https://orcid.org/0000-0001-5782-1158)

MERCIER, Valentine **

 [https:// orcid.org/0000-0001-9690-4554](https://orcid.org/0000-0001-9690-4554)

RESUMO: O artigo propõe analisar as seleções teóricas de clínica e prática profissional das primeiras mulheres psiquiatras que atuaram no Brasil, entre 1941 e 1970. Para contar essa história, mobilizamos o *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio*, disponíveis na Hemeroteca Digital. O estudo desse material possibilitou verificar a visibilidade pública das psiquiatras, os métodos terapêuticos que utilizavam, suas publicações e participações tanto em eventos científicos como políticos, o que permitiu articular a reflexão sobre as escolhas científicas que fizeram e suas atuações sociais na carreira e na política. A hipótese central que perseguimos demonstrou que as psiquiatras que se aproximaram da psicanálise ganharam maior visibilidade científica e notabilidade política quando comparadas às demais. Assim, entendemos os mecanismos e estratégias que incorporaram, se apropriaram e redelinearam para concretizar trajetórias socioprofissionais que se projetaram e foram, frequentemente, exitosas.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; psicanálise; psiquiatria; paradigmas; jornais; carreiras.

ABSTRACT: This paper proposes to analyze the theoretical selections of clinic and professional practice of the first women psychiatrists who worked in Brazil, between 1941 and 1970. To tell this story, we mobilized the newspapers *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, and *Jornal do Commercio*, available in the digital library *Hemeroteca Digital*. The study of this material made it possible to verify the psychiatrists' public visibility, the therapeutic methods they used, their publications, and their participation in both scientific and political events, which made it possible to articulate reflection on the scientific choices they made and their social performances in their careers and in politics. The central hypothesis we pursued demonstrated that psychiatrists who approached psychoanalysis gained greater scientific visibility and political notability when compared to the others. Thus, we understand the mechanisms and strategies that they incorporated, appropriated, and redirected themselves to achieve socio-professional trajectories that were designed and often successful.

KEYWORDS: women; psychoanalysis; psychiatry; paradigms; newspapers; careers.

Recebido em: 12/07/2021

* Graduado em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro/RJ. Professor do Curso de Pré-vestibular Social Beatriz do Nascimento. E-mail: cruzygormartins@gmail.com.

** Mestre em História pelo *Institut des Hautes Études de l'Amérique latine*, IHEAL – Paris 3 Sorbonne-Nouvelle, Paris, França. Doutoranda em história pela Université Lyon 2, vinculada ao *Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes* (LARHRA), Lyon, França. Professora de português e civilização brasileira no Departamento de Línguas, Université Jean Moulin Lyon 3. valentine_mercier@hotmail.com



Introdução

Em trabalho anterior (MARTINS; MERCIER, 2021), demonstramos¹ como a mobilização e constituição de redes foram fundamentais para consolidação das carreiras das primeiras mulheres psiquiatras no Brasil. Seguindo a reflexão acerca das estratégias que acionaram a fim de ganhar reconhecimento profissional e notoriedade pública, o presente artigo propõe estudar de que forma, além das teias constituídas, as seleções teóricas de clínica e prática profissional seguidas por esse grupo também foram fundamentais para que avançassem em suas carreiras. Nossa proposta, em linhas mais amplas, está interessada em aprofundar os conhecimentos acerca dos mecanismos que elas incorporaram, se apropriaram e redelinearam para concretizar trajetórias socioprofissionais que se projetaram e foram, frequentemente, bem-sucedidas.

A hipótese central perseguida é a da proximidade das psiquiatras em relação à psicanálise, ganhando maior visibilidade científica e notabilidade política, quando comparadas às demais. Ao longo dos anos 1940 a 1970, a psicanálise se concretizou como um campo do saber que, além de viabilizar o estabelecimento de novidades e inovações na medicina mental praticada no Brasil até então, possibilitou a ascensão dessas mulheres. Outras psiquiatras, ao aderirem a *paradigmas*² (KUHN, 2018) diferentes, também acessaram cargos de chefia e, não raramente, concretizaram trajetórias profissionais exitosas. Entretanto, verificamos que a influência e o impacto exercido frente a seus grupos de atuação foram mais restritos. No Brasil, particularmente, as mulheres tiveram centralidade ímpar para a institucionalização e o desenvolvimento da psicanálise, como a história da médica e psicanalista Marialzira Perestrello (1916 – 2015) demonstrou (ABRÃO, 2016; MOURA, 2019). Nosso artigo, ao se interessar pela análise da trajetória de sete personagens localizadas em outras temporalidades, procurou

1 Trata-se de uma opção político-metodológica, a utilização da primeira pessoa na redação desse artigo. O autor e autora do estudo partem da noção de que a produção das interpretações que seguirão se originou a partir de localizações específicas, que devem ser destacadas quando possível. Nesse sentido, acreditamos que a utilização da primeira pessoa funcionou como um bom marcador para a elucidação de nossos pontos de vistas.

2 O conceito foi apresentado pelo historiador das ciências Thomas Kuhn na primeira edição de seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, em 1962. Em linhas gerais, *paradigma* diz respeito ao conjunto de crenças, valores, teorias, técnicas e métodos compartilhados por uma comunidade que incorporou esses aspectos por meio dos processos educacionais ao redor do campo científico em que atua. Na percepção de Kuhn, os paradigmas funcionam como elementos que auxiliam a resolução de problemas, que é a marca do exercício da ciência, e são eles que definem as questões e os métodos legítimos de um campo investigativo. Acreditamos que a medida que encaramos a psiquiatria como um campo científico, é possível refletir sobre ela a partir da percepção kuhniana, de forma que a ideia de *paradigma* nos ajudou a problematizá-la e complexificá-la. Acrescentamos que diferentes *paradigmas* podem coexistir dentro de um período, sendo que um tende a dominar os demais, levando seus seguidores a terem maior legitimidade dentro do campo em questão. Aqui, é interessante notar que aquelas psiquiatras que seguiram as correntes da psicanálise se inseriram neste *paradigma* com maior sucesso profissional do que as outras.

incorporar elementos inéditos que, adicionados a essa interpretação, contribuirão para complexificação e problematização desse processo.

A biografia coletiva, ou prosopografia (CHARLE, 2013), ajudou a revelar a dimensão coletiva de determinadas características que, inicialmente, pareciam individuais. Graças ao estudo das “características comuns a um grupo de atores ou atrizes” (STONE, 1971, p. 46, tradução nossa), podemos “lançar luz sobre as mudanças sociais e políticas que o grupo revela através de suas dinâmicas internas” (MERCIER, 2020, p. 30, tradução nossa)³. Isso nos interessou, pois buscamos mostrar similitudes e diferenças entre as escolhas das psiquiatras e, deste modo, distinguir de quais formas dinâmicas coletivas e especificidades individuais interagiram e se relacionaram com o contexto da ciência psiquiátrica da época. O conjunto de mulheres que investigamos iniciou o exercício da psiquiatria antes da psicanálise ser amplamente divulgada e, até mesmo, institucionalizada. Por essa razão, pudemos observar o momento e a maneira como este saber transformou, ou não, seus percursos.

As psiquiatras em seu tempo: considerações gerais sobre o cenário histórico em que atuaram

Juana Mancusi de Lopes (1892/3 - ?), Nise da Silveira (1905 – 1999), Hercília Rocha Pitta (entre 1905 e 1911 - ?), Alice Marques dos Santos (1911 – 1996), Eurydice de Magalhães Borges Fortes (1911 - ?), Iracy Doyle (1911 – 1956) e Ursulina Penteado Bueno (em torno de 1915 -?) nasceram entre 1892 e 1911 e se formaram entre 1917 e 1937 (MARTINS; MERCIER, 2020)⁴. Nestes primeiros momentos de formação e passos na carreira, seguiram as correntes dominantes na psiquiatria praticada no Brasil entre os anos 1920 e 1930. Fortemente influenciadas pelo organicismo e pelo higienismo (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013), muitas vezes, essas psiquiatras se especializaram no tratamento de mulheres e de crianças. Em comparação a este momento, quando encerraram suas formações universitárias e iniciaram suas atividades de trabalho (MARTINS; MERCIER, 2020), verificamos nas décadas seguintes traços de ruptura e continuidade.

As psiquiatras em análise seguiram determinadas tendências e acompanharam aquelas diretrizes de pensamento e prática que já vinham em curso no cenário médico-

3 [No original] “éclairer les évolutions sociales et politiques dont le groupe témoigne à travers ses dynamiques internes.”(MERCIER, 2020, p. 30).

4Essas e outras informações referentes à biografia das personagens foram apresentadas no âmbito do seminário *Santé et intégration au Brésil : s'appropriier les politiques publiques pour exister (1920-1980)*, em 2020. Em breve, dados, interpretações e considerações às quais chegamos estarão disponíveis em artigo publicado em revista acadêmica.

científico nacional e internacional do período. Elas inovaram seu exercício das mais variadas formas e, desse modo, revelaram potencialidades e possibilidades criativas que os cargos profissionais que ocuparam davam conta de estimular. Para algumas, a ascensão na carreira, seguindo estes moldes, resultou no processamento de suas crescentes visibilidades, ao mesmo tempo que seus destacamentos socioculturais também alimentaram as formulações em torno de seus papéis profissionais. Esse grupo de figuras femininas foi projetado e reconhecido em várias escalas, o que, conseqüentemente, aumentou o alcance e a repercussão de seus trabalhos. Sendo assim, entendemos que as escolhas em termos de teoria e de prática por parte delas devem ser pensadas em articulação com as influências que receberam e tiveram a sua vez, em diferentes níveis.

Com o fim da II Guerra Mundial, em 1945, a situação política e diplomática do mundo ocidental reorientou e redefiniu parte considerável das dinâmicas sociopolíticas. Foi nesse momento que os Estados Unidos passaram a influenciar de forma mais enfática e central a clínica psiquiátrica brasileira. Essa articulação já se desenhava desde meados dos anos 1930 e, pouco a pouco, passou a incorporar o cotidiano clínico e tencionar orientações outras que vigoravam na época. Em termos epistemológicos, de fato, a psiquiatria nacional passou a se referenciar a partir das prerrogativas norte-americanas (CARVALHO; MATHIAS; MARCONDES, 2017). No ano de 1954, por exemplo, o diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM)⁵ viajou por oito meses para os Estados Unidos e Canadá. O Dr. Aduino Botelho (1895-1963), como representante oficial do órgão que dirigia, foi conhecer as instituições psiquiátricas daqueles países, visando coletar experiências que poderiam ser úteis e implementadas nas instituições atreladas ao SNDM (MELLONI, 2009).

Além disso, desde o princípio do século XX, a psicanálise já circulava no Brasil. A iniciativa de médicos como Juliano Moreira (1873-1933), Antônio Austregésilo (1876-1960), Fernandes Figueira (1863-1928), Henrique Roxo (1877-1969) foi muito importante nesse sentido e para sua divulgação. No Rio de Janeiro, especificamente, na principal instituição de assistência aos doentes mentais da América Latina – o Hospital Nacional de Alienados (HNA) – a utilização do saber ocorria de forma auxiliar à psiquiatria (CASTRO; FACCHINETTI, 2015). O início de seu processo de institucionalização, efetivamente, ocorreu ao longo da década de 1940, quando passou a contar com forte investimento estatal para seu aprimoramento e disseminação. A partir dos anos 1950, com a

50 Serviço Nacional de Doenças Mentais foi criado em 1941, ao mesmo tempo que outros serviços nacionais de saúde, com o objetivo central de ampliar a assistência psiquiátrica para todas regiões do Brasil, além de propor centralizar sua administração e coordenação (BRAGA, 2013).

psicanálise institucionalizada e, em alguma medida, consolidada no país, verificou-se sua ampla expansão, fato que culminou na constituição de inúmeras sociedades psicanalíticas na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo (MELLONI, 2009). Percebemos a centralidade adquirida por esse campo do conhecimento, em especial junto a sua íntima relação com as políticas de saúde mental implementadas durante aquela época, conforme a documentação revelou.

O SNDM, em grande medida, foi responsável pela divulgação e ampliação da psicanálise entre as e os psiquiatras que atuavam no Brasil. Instituído pelo decreto-lei n. 3.171 (02/04/1941) que reorganizou as diretrizes e as políticas vinculadas à saúde no país, o Serviço, além de extinguir a Divisão de Assistência a Psicopatas e o Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal – até então, os órgãos responsáveis pelas políticas psiquiátricas brasileiras –, tinha como atribuição central orientar as dinâmicas de regulamentação da saúde mental no país. A atmosfera social em que sua implementação ocorreu foi marcada pelo desenvolvimento da perspectiva psicanalítica tanto em âmbito nacional, quanto internacional. Havia um ambiente bastante favorável para disseminação da psicanálise. O órgão, nesse sentido, ocupou-se pela intensa divulgação do saber e foi responsável por estimular que seus profissionais dialogassem com aquela abordagem.

Dada essa centralidade, entendemos que o ano de criação do SNDM, 1941, é um marcador temporal relevante para balizar o princípio de nosso estudo. Aproximadamente trinta anos mais tarde, o decreto n. 66.623 (22/05/1970), responsável pela organização administrativa do Ministério da Saúde, substituiu o SNDM pela Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM). Essa alteração, em virtude das modificações acarretadas, justifica o recorte de fechamento de nosso artigo, em 1970. Percebemos que entre 1941 e 1970 uma série de fatores conjunturais repercutiram sobre os processos e procedimentos relativos à psiquiatria no Brasil e, conseqüentemente, impactaram as carreiras das psiquiatras analisadas.

Em termos político-institucionais, por exemplo, após o encerramento do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945, o país experimentou um breve período democrático (GOMES, 2013), que se estendeu até 1964. Com o golpe civil-militar de 1964 e a crescente escalada autoritária que culminou, em 1968, no fechamento do regime e na concretização da ditadura civil-militar (FERREIRA; GOMES, 2014), inúmeras diretrizes no campo da saúde foram transformadas. A grande complexidade desse recorte exigiu reflexão atenta sobre como funcionou a articulação entre a ascensão das médicas e as possibilidades propiciadas pelo contexto histórico específico em que atuaram. Ou seja, há determinadas

características que atravessaram parte dos anos 1940, a década de 1950 e o início de 1960 não encontradas a partir de 1964 e, mais precisamente, de 1968.

Esse conjunto de elementos constituiu o cenário principal onde as psiquiatras analisadas estiveram. Pode-se indicar que a ambientação médico-científica que vigorou no Brasil, entre 1941 e 1970, foi marcada pela coexistência de *paradigmas*, “modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica” (KUHN, 2018, p. 72). Ou seja, a organização da psiquiatria da época foi guiada pela interação entre inúmeras perspectivas e abordagens e configurou, assim, um verdadeiro mosaico teórico. Não por acaso, percebeu-se na constituição das profissionais marcas que as aproximavam de determinadas características, ao mesmo tempo que as afastavam de outras qualidades. Essa interação, em determinadas situações, levou ao surgimento de *paradigmas* inéditos, responsáveis pela atualização e renovação da disciplina a qual se articularam.

Como as escolhas teóricas das psiquiatras, em termos de clínica e prática profissional, determinaram, ou não, o lugar que ocuparam e a influência que exerceram dentro de sua disciplina? Até que ponto esta influência dependeu, por sua vez, da dimensão internacional das escolhas feitas? Em outras palavras, como as escolhas teóricas, as redes internacionais e a visibilidade científica estiveram relacionadas? De quais formas estes elementos contribuíram para uma melhor compreensão das carreiras das primeiras psiquiatras brasileiras, ao mesmo tempo que informaram sobre as dinâmicas internas da psiquiatria no Brasil?

A análise dos jornais ajudou a verificar como essas dinâmicas se expressaram no dia a dia das personagens. Na medida em que nos informaram sobre suas nomeações, as movimentações institucionais que realizaram, as práticas e os projetos que encabeçaram, as viagens que efetuaram, foi possível notar como o estabelecimento profissional dessas mulheres ocorreu. Os jornais são, efetivamente, documentos riquíssimos, porque possibilitam problematizar percursos históricos. Esse material, “que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (LUCA, 2012, p. 128), forneceu dados sobre os diversos contextos que constituíram a realidade social das médicas. Particularmente, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil* foram os principais periódicos consultados. Esses, na temporalidade em questão, eram veículos de ampla circulação no Distrito Federal. Entretanto, a baixa taxa de alfabetização de parte considerável da população brasileira no período (FERRARO, 2002) restringia a abrangência de seus conteúdos.

Além desse material, também incorporamos outros periódicos quando julgamos pertinente. Para tratar de temas importantes para o estudo cujas referências não

estavam ancoradas nos principais jornais do período, recorreremos ao *Diário de Notícias e A Noite* e para aqueles que tratavam de outras localidades mobilizamos o *Correio Braziliense* e o *Correio Paulistano*. As revistas de variedades também funcionaram como ferramenta para complementação das informações que buscamos desenvolver nesse estudo, como foi o caso de *A Casa*. Ademais, decretos e legislações do período estudado orientaram o entendimento das dinâmicas responsáveis pela organização da psiquiatria e da medicina de forma mais ampla. A junção desse corpo documental permitiu estabelecer conexões e avaliar confrontos em relação aos dados obtidos sobre as médicas.

Dessa forma, ao menos, dois grupos puderam ser distinguidos entre elas. Em primeiro lugar, três adotaram diferentes correntes da psicanálise e gozaram de importante notoriedade, revelada por sua presença recorrente nos jornais. Elas se beneficiaram de certa aparição mais ampla, frequente e constante, à medida que apareceram também em alguns trabalhos historiográficos e, até mesmo, foram objetos centrais de determinados estudos, ainda que muitas lacunas sobre suas trajetórias precisem ser preenchidas. Entretanto, nem todas as psiquiatras abraçaram a psicanálise, revelando um segundo grupo com membros menos renomadas e reconhecidas socialmente. Nesse caso, constituído por personagens que alcançaram alguma proeminência, contudo, foram menos evidenciadas do que aquelas que pertenceram ao primeiro.

Concretizando seus percursos profissionais: permanências, rupturas e incorporações nas carreiras das psiquiatras

A médica Iracy Doyle se converteu à psicanálise após duas estadias nos Estados Unidos. A primeira ocorreu na Johns Hopkins University, em Baltimore, entre 1939 e 1940. Adolf Meyer (1866 – 1960)⁶, um dos maiores psiquiatras estadunidenses da época (LAMB, 2014) e fundador da escola americana de psiquiatria dinâmica (ROUDINESCO; PLON, 1998), era professor da instituição. Entretanto, quem mais a influenciou, provavelmente, foi Harry Stack Sullivan (1892-1949). Na mesma época, ele também frequentava e lecionava em várias instituições psiquiátricas de Baltimore (Hospital Sheppard Pratt, Chestnut Lodge...)⁷ e foi o responsável pela fusão dos conceitos “psicanálise” e “psicobiologia”.

6 Entre suas várias contribuições para medicina mental, desenvolveu o conceito de psicobiologia para enfatizar as disfunções da personalidade em lugar das patologias cerebrais. Essa noção foi extremamente relevante e impactou uma geração de seguidores de suas perspectivas. Para mais, (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA, 2021).

7 A depender das referências, a cronologia precisa do momento em que Harry Stack Sullivan esteve em cada instituição por onde passou mudou. Porém, sabe-se que estava na mesma cidade e já era influente

Em 1943, Dr. Sullivan também fez parte da equipe fundadora do Instituto William Alanson White (Nova York)⁸, onde ocorreu a segunda estadia de Iracy Doyle nos Estados Unidos, entre 1946 e 1949 (PICCININI, 2010). Conforme mencionamos, nesse momento, os Estados Unidos passaram a ter influência crescente na medicina mental brasileira, que incorporou em sua atuação diversos aspectos dessa aproximação. Os cursos de psiquiatria frequentados por ela nos EUA⁹ utilizavam a psicanálise. Porém, defendiam alternativas à doxa freudiana, levando em conta fatores sociais e culturais para interpretação e tratamento das neuroses e psicoses (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Com seu retorno ao Brasil, a influência de Iracy Doyle se desenvolveu, principalmente, neste campo. Enquanto, no final dos anos 30 e início dos anos 40 no país os tratamentos baseados em perspectivas organicistas eram frequentes e hegemônicos (MUÑOZ, 2015), os anúncios que apareceram nos jornais sobre a clínica da médica, localizada no bairro da Tijuca (próximo a região central do Rio de Janeiro), passaram a incluir, por exemplo, a psicoterapia¹⁰ e a psicanálise entre os tratamentos sugeridos. Em dezembro de 1939, alguns meses depois da primeira ida de Iracy para os Estados Unidos, apareceu a primeira ocorrência da psicoterapia e da psicanálise nos anúncios:

AMBULATÓRIO DE HIGIENE MENTAL (DO SANATORIO DA TIJUCA - RUA JOÃO ALFREDO, 25 - PHONE: 38-1188 - Tratamento ambulatorio das doenças nervosas e mentaes - Convulsotherapia (cardiazol endovenoso - Methodo de Meduna) Psychotherapia e psycanalyse - tratamento racional das psychoneuroses) depressões, angustias, medos pathologicos e obsessões). Electricidade medica: ionização, faradização, diathermia. Massagem, gymnastica, orthopedica e outros processos de correcção e reeducação motora. Paralysis da creança e do adulto. Hygiene mental. Diagnostico do temperamento e orientação profissional - Exame pre-nupcial. - Direcção dos Drs.: ARRUDA CAMARA E IRACY DOYLE (CORREIO DA MANHÃ, dez. 1939, p. 2)

Além desse, outros dois anúncios destacaram essas terapias (CORREIO DA MANHÃ, dez. 1939, p. 2 e p. 26) antes de desaparecerem. A partir de 1943, o anúncio sobre a psicoterapia ressurgiu ao lado das terapias físicas.

quando Iracy Doyle estudou nos Estados Unidos. Para mais informações, (CHAPEROT, 2014; MINARD, 2013; PICCININI, 2010; ROUDINESCO; PLON, 1998).

8 O William Alanson White Institute foi fundado, em 1943, por Erich Fromm, Frieda Fromm-Reichmann, Harry Stack Sullivan, David Rioch, Janet M. Rioch e Clara Thompson (ROUDINESCO; PLON, 1998).

9 Podemos notar que, entre os fundadores do William Alanson White Institute, ao menos Harry Stack Sullivan, Frieda Fromm-Reichmann, e Clara Thompson foram ligados a Adolf Meyer e às redes da psiquiatria de Baltimore (MINARD, 2013; ROUDINESCO; PLON, 1998).

10 A psicoterapia se trata de um “método de tratamento psicológico das doenças psíquicas que utiliza como meio terapêutico a relação entre o médico e o paciente, sob a forma de uma relação ou de uma transferência. O hipnotismo, a sugestão, a catarse, a psicanálise e todos os métodos terapêuticos próprios da história da psiquiatria dinâmica estão incluídos na noção de psicoterapia”, sendo que a psiquiatria dinâmica inclui “todas as formas de tratamento psíquico que privilegiam a psicogênese e não a organogênese das doenças da alma e dos nervos” (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Doenças nervosas e mentais. Tratamentos modernos : Eletrochoque - Eletropirexia. Cardiazol, Insulina, Malaria, Psicoterapia - *Sanatório da Tijuca* - Pavilhão separado para nervosos e para curas de repouso. DIÁRIAS DESDE 20\$. RUA... [...] Direção : Dra. IRACY DOYLE e Dr. ARRUDA CAMARA (CORREIO DA MANHÃ, jan. 1943, p.5).

Já nos anos 1950, imediatamente após a segunda estadia de Iracy Doyle nos Estados Unidos, os anúncios apenas mencionavam a psicoterapia, a psicanálise, a terapêutica ocupacional e os “tratamentos modernos”, sem indicação explícita aos antigos tratamentos de choque que eram costumeiros no serviço da médica:

Clinica de Repouso da Tijuca - Direção técnica : Dra. Iracy Doyle, Dr. Flávio de Souza, Dr. A. Doyle Ferreira - Psiquiatria - Psicoterapia - Psicanálise - Terapêutica Ocupacional - Tratamentos modernos das neuroses - Máximo conforto - Organização modelar. Rua Alves Brito, 12 - Tel. 38-1705 (CORREIO DA MANHÃ, 1950, p. 37).

Além do mais, Dra. Iracy que por muito tempo se mostrou favorável à utilização de eletrochoque, como apresentou em conferências e comunicações (ASSOCIAÇÕES, 1941, p. 23), e defendeu uma tese sobre a convulsoterapia, em 1942, escreveu *O Significado do Movimento Psicanalítico*, em 1950, e *Introdução à Medicina Psicológica*, em 1952. Seu Instituto de Medicina Psicológica, fundado em 1953, foi um dos primeiros a formar psicanalistas no Brasil (MELLONI, 2009). Talvez o exemplo mais revelador de que esteve aberta para incorporação de perspectivas inéditas em sua produção e prática clínica talvez tenha sido seu livro *Contribuição ao Estudo da Homossexualidade Feminina*¹¹.

Neste trabalho, a médica interpretou a sexualidade como uma forma possível de escapar das normas de gênero, que, em sua percepção, tornavam as mulheres empregadas de seus maridos (SILVA, 2016). Conforme percebemos, Doyle, apesar de favorável à utilização de tratamentos vigentes no período em que atuou, como o eletrochoque e a convulsoterapia, apropriou-se progressivamente de orientações teóricas da psicanálise, aprimorando sua atuação clínica e viabilizaram a constituição de um exercício específico. Cada vez mais, passou a valorizar a psicanálise frente aos demais tratamentos e abordagens utilizadas anteriormente, constituindo-se, portanto, como uma de suas principais defensoras e difusoras no Brasil.

Vimos como a formação de Iracy Doyle no exterior influenciou suas posturas teóricas e como isso impactou sua atuação no Rio de Janeiro. A adoção da psicanálise

¹¹Inicialmente, o estudo foi escrito para que a médica concorresse em concurso à Cádeta de Psiquiatria, do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Foi publicado postumamente, em 1956.

estadunidense lhe conferiu posição inovadora e favoreceu seu reconhecimento no Brasil, ao mesmo tempo em que estendeu sua influência para além de suas fronteiras mais próximas. Em memória sobre a psiquiatra, por conta de seu falecimento, em 1956, percebemos como foi mesmo ativa para o processo de institucionalização da psicanálise e incentivadora incansável de sua expansão na, então, capital federal. Entre outros aspectos, Doyle foi apresentada como a "pranteada psicanalista brasileira" e o discurso proferido pelo Dr. Henrique de Novais Filho (?-?), como representante da Sociedade Brasileira de Psico-Técnica, expressou os méritos de sua carreira (À MEMÓRIA..., dez. 1956, p. 8). Quanto ao alcance internacional de sua obra, podemos notar também que foi um psiquiatra espanhol, o Dr. Emilio Mira y Lopes (1896-1964), quem prefaciou seu livro *Introdução à Medicina Psicológica* (SILVA, 2016) e, após sua morte, uma rua recebeu seu nome em Portugal (SOARES DE ANDRADE, nov. 1956, p. 21).

O caso de Nise da Silveira e Alice Marques dos Santos foi um pouco diferente, à medida em que seus reconhecimentos sociais, especialmente o de Nise da Silveira, e a própria abordagem psicanalítica seguida precederam suas estadias no exterior. Entretanto, estas dimensões permaneceram fortemente interligadas dentro de ambas trajetórias e a escolha de tratamentos herdados de alternativas ao organicismo contribuiu fortemente para impactarem a disciplina. Frequentemente, Dra. Nise da Silveira foi apresentada como a personagem que revolucionou a psiquiatria praticada, então, no Brasil (GULLAR, 1996; MELLO, 2014). De fato, a médica foi importante nos processos que desencadearam a atualização de algumas políticas de saúde mental desenvolvidas no país (MAGALDI, 2018). Entretanto, como ocorreu com as demais personagens, seu exercício conjugou elementos de atualização e conservação de perspectivas coexistentes no cenário em que atuou e sua participação não foi isolada.

Dois anos após sua reinserção no funcionalismo público, em 1946, tornou-se coordenadora do Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação (STOR) do Centro Psiquiátrico Nacional (CPN)¹². Dra. Nise foi mesmo indispensável para a expansão desse campo na instituição (MAGALDI, 2018), quando passou a defender a centralidade da expressão artística nas dinâmicas de cura e tratamento dos doentes mentais. A discussão sobre a relação entre arte e loucura já acontecia há alguns anos, englobando um conjunto de agentes. Entre eles, o próprio mentor da médica, o Dr. Austregésilo, se interessava pela questão. Em São Paulo, desde fins dos anos 1920, o também psiquiatra

12 O CPN foi uma espécie de "herdeiro" do Hospital Nacional de Alienados, pois recebeu parte considerável dos profissionais e dos pacientes do antigo asilo. A proposta, inicialmente, era que funcionasse como o principal polo de produção de conhecimentos sobre a medicina mental no Brasil aliando tratamento dos doentes com os avanços científicos do período (FACCHINETTI et al., 2010).

Dr. Osório Cesar (1895-1979) desenvolvia no Hospital do Juqueri pesquisas sobre o papel da arte no tratamento dos loucos (LIMA; PELBART, 2007). Sendo assim, seu interesse pelo tema não estava deslocado de um cenário mais amplo. Ao lado de outros médicos, as perspectivas interessadas pela articulação entre arte e loucura se tornaram objeto de interesse investigativo e mecanismo de atuação clínica da psiquiatra.

Contrariando interpretações memorialísticas que conferiram à Dra. Nise o papel de heroína recusando-se a mobilizar parte dos tratamentos disponíveis em seu período de atuação por considerá-los agressivos, violento e/ou invasivos, é fundamental delineá-la como alguém integrante de conjunto mais abrangente. Dentro de seu tempo, estabeleceu novos contornos para as dinâmicas epistemológicas da clínica psiquiátrica. É imprescindível problematizar e desconstruir a narrativa, em grande medida, romantizada formada ao redor da médica, que, ao delineá-la como um ser proeminente na psiquiatria brasileira, silenciou outras histórias. Efetivamente, para concretizar suas inovações, Dra. Nise contou com auxílio de diversos agentes, conforme tratamos anteriormente. Eles, além de estruturarem, fizeram com que essas práticas avançassem – como a relação com o, então, diretor do CPN, o Dr. Paulo Elejalde (1901-1959), que viabilizou a criação do ateliê de atividades expressivas no STOR (MAGALDI, 2018), em 1946.

Nessa mesma linha, Alice Marques dos Santos também foi central. Lado a lado com Nise da Silveira, passou a dialogar intimamente com as teorias junguianas (MAGALDI, 2020). Dra. Alice esteve atrelada a muitos projetos inéditos que, em geral, foram encabeçados por Dra. Nise. A formação do Grupo de Estudos C. G. Jung, em 1955, e da Casa das Palmeiras, no ano posterior, por exemplo, expressaram isso. Além de revelarem a parceria profissional nutrida e a amizade particular construída. Percebemos, portanto, como os diálogos estabelecidos com o movimento mais amplo de expansão e atualização da psicanálise foi fundamental para que inovassem e se projetassem socialmente em suas carreiras. Particularmente, a vinculação com as abordagens propostas por Carl Gustav Jung (1875-1961) que, naquele contexto histórico específico, estavam sendo modeladas e consolidadas internacionalmente. Não por acaso, em 1960, Dra. Alice se licenciou de suas funções públicas no Brasil, a fim de realizar estágio de aperfeiçoamento no Instituto Jung (DESPACHOS..., jun. 1960, p. 2) e, em época próxima, ambas iniciaram seus processos de análise com uma das principais discípulas do analista suíço, Marie Louise von Franz (1915-1998) (CÂMARA, 2004).

No Brasil, o reconhecimento socioprofissional de ambas ocorreu antes da internacionalização de suas carreiras. Enquanto Nise da Silveira ofereceu inúmeros cursos de terapia ocupacional organizados pela Associação Brasileira de Educação e pelo SNDM (CURSOS..., ag. 1961, p. 16), Dra. Alice foi nomeada, em 1952, pelo, então, Ministro

da Educação e Saúde para "exercer a função de professor de diferentes matérias nos cursos do Departamento Nacional de Saúde" (NOVOS..., jul. 1952, p. 30). Esses dados possibilitaram afirmar as trajetórias exitosas que, apesar dos desafios próprios do desenvolvimento médico-científico e das relações assimétricas de gênero (SCOTT, 1995) que organizavam o campo, construíram dentro de suas atuações. Na década de 1950, portanto, já eram nacionalmente reconhecidas entre os psiquiatras que atuavam no país e gozavam de grande prestígio entre seus pares.

A participação de Dra. Nise como integrante oficial da delegação brasileira que foi para o II Congresso Internacional de Psiquiatria, na cidade de Zurique (Suíça), em 1957, também revelou essa dimensão. Acreditamos que Dra. Alice também esteve nessa viagem, já que na mesma época sua estadia na Europa é conhecida (MELLO, 2014). Se não como delegada, evidências apontam a sua possível participação em algumas atividades no âmbito daquele encontro de importância significativa para a comunidade médico-psiquiatra do período. Na ocasião, a passagem das personagens pelo Instituto Jung, em que frequentaram cursos e seguiram suas análises pessoais, tornou seus trabalhos visíveis para psiquiatras, ao menos, da Europa. Esse fato, certamente, contribuiu para o enriquecimento da projeção que já possuíam nacionalmente e concretizou o processo de internacionalização das médicas.

Em troca, é possível mencionar ainda o interesse de Carl Jung pelo trabalho dos pacientes que passavam pelo ateliê de pintura do STOR do CPN coordenado por Dra. Nise que, em muitos casos, eram encaminhados por recomendação clínico-terapêutica de Dra. Alice. A questão renovou o entusiasmo despertado por elas ~~que elas despertaram~~ sobre a psiquiatria no Brasil e apontou para as dinâmicas de trocas científicas estabelecidas a partir dessa circulação de interesses e saberes encontrados ~~que encontravam~~, em geral, na psicanálise e, em particular, na psicologia junguiana sua fundamentação. Fato foi que o estabelecimento dessas trocas foi fundamental para o aprimoramento das práticas desenvolvidas por elas em suas atuações. A repercussão de vários aspectos incorporados apareceu nos contextos institucionais específicos por onde passaram.

Na Casa das Palmeiras, definida como um “pequeno território livre” (SILVEIRA, 1986), mediador da relação entre os doentes mentais, o hospital psiquiátrico e a rua, Alice Marques dos Santos ocupou várias funções diretivas, concretizando-se, geralmente, como articuladora política dos anseios e necessidades da instituição. Caracterizada como essencial para o desenvolvimento do espaço (MELO, 2011), em 1960, tornou-se sua vice-presidente (NOTAS..., fev. 1960, p.16). Em sua carreira pública, na mesma época, passou a cumprir funções de gerência e comando. Precisamente, em 28 de

junho de 1968, concretizou-se como a primeira mulher a dirigir um hospital psiquiátrico na América Latina, quando assumiu a direção do Hospital Odilon Galotti, que integrava o CPN (NOTAS..., jun. 1964, p. 32). Como se verificou, o processo de atualização das linhas teóricas apropriada pela médica acompanhou sua ascensão profissional. A médica estabeleceu sua projeção e reconhecimento e conseguiu desencadear uma série de articulações políticas viáveis à execução das novas concepções de pensamento e prática na psiquiatria que seguiu.

Especialmente no caso de Nise da Silveira, sua influência científica foi tão intensa que extravasou os limites estabelecidos para o desenvolvimento da medicina e alcançou o terreno da política. Em 1961 o, então, Presidente da República, Jânio Quadros (1917-1992), recomendou ao Ministro da Saúde "ajudar, no que fôr possível, o Serviço de Terapêutica Ocupacional da doutora Nise da Silveira" (BILHETES..., 1961, p.4). Defendeu a expansão da terapia ocupacional e "determinou, finalmente, que o titular da pasta da Saúde convoque ao gabinete presidencial a doutora Nise Silveira, e que a mesma traga, na oportunidade, plano de trabalho para o exercício e de ampliação, para o futuro" (BILHETES..., maio 1961, p.4). Como se verificou, a médica foi convocada para organizar as pautas relativas à saúde mental no âmbito político-institucional do período, fato possível somente graças ao reconhecimento social que angariou ao longo de sua carreira.

Este primeiro grupo de psiquiatras revelou, em grande medida, a importância da escolha da psicanálise e de sua dimensão internacional, para o avanço das carreiras, independente da corrente específica adotada por elas. Outras psiquiatras, como veremos agora, fizeram escolhas diferentes, mesmo que a psicanálise nem sempre tenha sido totalmente ausente de suas atuações. Estas escolhas revelaram a dinâmica interna da psiquiatria brasileira na época, ao mesmo tempo que desempenharam um papel importante no desenvolvimento das carreiras das psiquiatras envolvidas em seu processamento.

Em linhas gerais, Dra. Juana se comprometeu, profundamente, com orientações teóricas advindas do higienismo. É perceptível como ao longo da trajetória o tema do alcoolismo foi central para ela, endossando os encaminhamentos oferecidos a seus pacientes em sua prática e assinalando os interesses que perseguiram seus interesses intelectuais. Sua posição, por exemplo, como presidente da União Brasileira Pró-Temperança¹³ (ENCERRADA..., nov. 1954, p. 10) e seu próprio discurso combativo que

13Ramificação da *World's Women's Christian Temperance Union*, foi uma organização criada em 1925, integrada apenas por mulheres que se dedicavam à luta contra o alcoolismo no Brasil (GARCIA; LEAL; ABREU, 2008).

encontrava no consumo alcoólico “consequências desastrosas (...) como o aumento do índice de criminalidade” (SEMANA..., out. 1966, p. 9) demonstraram isso.

Na carreira da psiquiatra, apresentou-se certo lastro advindo de décadas anteriores, particularmente dos anos 1920 e 1930, em que a noção “redimir o país seria saneá-lo, higienizá-lo” (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013, p. 243) era essencial. Aliás, foi neste campo em que Juana Mancusi mais exerceu influência. Na ocasião da Semana Anti-alcoólica, evento ocorrido anualmente em outubro, muitas vezes, fazia intervenções por meio de palestras ou na rádio¹⁴. Foi também para discorrer sobre o mesmo assunto que compareceu à Escola de Enfermeiras, à Cruz Vermelha¹⁵ (SEMANA..., out. 1942, p. 7) e ao Instituto de Educação, onde “futuras professoras ouviram uma preleção antialcoólica” (FUTURAS, out. 1958, p.6).

Enquanto presidente da União Brasileira Pró-Temperança, representou o Brasil durante vários congressos internacionais da entidade, na Alemanha, Uruguai, México, Índia, Suíça e Estados Unidos (SEMANA..., dez. 1971, p. 5). Isso conferiu certa visibilidade internacional a ela, no contexto particular dessa luta. A psicanálise, em franca expansão no Distrito Federal durante os anos 1950 e 1960, não deixou de influenciar a atuação da médica. Utilizou a hipnose como método terapêutico para recuperação de alcoólatras e, em 01 de abril de 1964, participou de uma mesa sobre o tema, “Tratamento do alcoolismo pela hipnose”, na Sociedade Brasileira de Hipnose Médica (NOTAS..., abr. 1964, p. 18). Porém, o lugar da psicanálise apareceu como marginal nas fontes sobre esta psiquiatra, cuja notoriedade se limitou às fronteiras da luta anti-alcoólica, manifestado por meio de eventos anuais. Nesse sentido, não podemos afirmar com certeza que Juana Mancusi tenha se apropriado plenamente das novas formas de tratamento e das novas propostas teóricas que apareceram ou se desenvolveram na década de 1940 no Brasil.

Pelo contrário, Dra. Ursulina Penteado Bueno, em São Paulo, inscreveu-se no movimento de renovação da abordagem clínica oferecida aos pacientes portadores de doenças mentais no país, nos anos 1940. Além do desenvolvimento da psicanálise (FACCHINETTI, 2018), observou-se a utilização de novos medicamentos (RUSSO; VENANCIO, 2006) e a realização de procedimentos cirúrgicos inéditos (TOLEDO, 2019) na cena médica montada. Certos aspectos da carreira de Dra. Ursulina informaram sobre como essas novidades circulavam, de forma geral, no território brasileiro e, particularmente, no Sudeste do país.

14Exemplos destas intervenções aparecem nos seguintes artigos: INICIA-SE..., out. 1943, p.35; UMA SUGESTÃO..., dez. 1949, p. 5; MÉDICA..., out. 1966, p.18.

15Exemplos destas palestras aparecem nos seguintes artigos: SEMANA..., out. 1940, p. 3; SEMANA..., out. 1942, p. 7.

Em notícia sobre a clínica a qual dirigia e era proprietária, verificamos alguns procedimentos terapêuticos que eram acionados. A hidroterapia, a eletroterapia e a mecanoterapia (UM GESTO..., out. 1942, p. 7) eram alguns dos métodos que, em consonância com o momento em que estavam, eram incorporados pela abordagem proposta pela clínica da médica. Se estes métodos já eram utilizados a partir da Primeira Guerra Mundial, e introduzidos no Brasil durante os anos 1920, desenvolveram-se amplamente após a Segunda Guerra. Entendemos que o conflito incentivou o processo de reconhecimento da eficácia daquelas terapêuticas. Assim, Dra. Ursulina Penteado Bueno teve impacto importante na disciplina psiquiátrica neste sentido, apesar de não ter se aproximado da psicanálise. Porém, não notamos tantas notícias e reportagens sobre ela quanto sobre Iracy Doyle, Nise da Silveira e Alice Marques dos Santos e, contrariamente a estas, seu nome era completamente desconhecido até nossa pesquisa.

Os anos 1960, particularmente, foram muito significativos para carreira de Dra. Eurydice de Magalhães Borges Fortes. Da mesma forma que para Ursulina Penteado Bueno, ela ganhou importância na disciplina, porém, sua visibilidade pública posterior também foi restrita. Conforme demonstramos em apresentação anterior (MARTINS; MERCIER, 2020), a atuação em consultórios especializados em mulheres e/ou crianças foi uma estratégia acionada pelas psiquiatras ao longo de 1920 e 1940. Até o momento, não encontramos evidências que atestassem a atuação de Dra. Eurydice em consultório particular naquela época. Contudo, a partir de 1967, verificamos anúncios que informavam sobre sua clínica privada, voltada para “doenças do sistema nervoso” dessas audiências específicas (DRA. EURYDICE..., set. 1967, p.31).

Falta investigar as condições as quais levaram a médica a trabalhar nesse consultório, ou se nas décadas anteriores já clinicava nele. Sabe-se, porém, que nesse período já tinha sua carreira consolidada entre pares e importante reconhecimento socioprofissional. Consultar-se, portanto, com Dra. Eurydice poderia ser elemento de distinção socioeconômica dos públicos que conseguiam pagar por aquele atendimento. De toda forma, esse aspecto foi um lastro de períodos anteriores que a perseguiu. Quanto à inovação em sua carreira, em 1962, tornou-se especialista em “Planejamento, organização e administração de hospitais” pela Escola Médica de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (U. CATÓLICA..., dez. 1962, p. 8) . A opção pela especialização em gestão hospitalar pôde sugerir, assim, que a psiquiatra estava atenta às necessidades de aprimorar sua formação acadêmica e intelectual para ocupar futuros cargos de coordenação e direção que pudesse vir a desempenhar.

Finalmente, os dados sobre a doutora Hercília Rocha Pitta são muito escassos, já nos anos 1930 e, especialmente, a partir da década de 1940. Sabemos que, além do

trabalho desenvolvido na Clínica de Botafogo, em 1943 (DECRETOS..., fev. 1943, p.8), foi nomeada para a Pasta da Fazenda do governo federal e se especializou em Medicina do Trabalho (ELAS PROMETEM..., 1947, p. 79). Notamos, então, que continuou a se formar e a adicionar competências em seu currículo. Se vinculamos isso ao seu pertencimento ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)¹⁶, podemos supor que o fato esteve atrelado a certa ambição política dela.

Porém, além da projeção proporcionada por sua candidatura a vereadora na cidade do Rio de Janeiro em 1947, estas escolhas não trouxeram muita visibilidade pública ou científica e não sabemos em que medida foram inovadoras em termos de teoria e prática clínica. É possível, inclusive, cruzar essas informações à condição racial da médica (BIROLI; MIGUEL, 2015). Entre as sete personagens estudadas, Dra. Hercília era a única negra e, certamente, problematizar esse aspecto também é indispensável para pensar sua constituição socioprofissional e destacar seus êxitos e falhas. Para complexificar essa interpretação, é necessário localizar novas fontes que permitam avaliar como diferentes marcadores sociais projetaram o desenvolvimento de sua carreira.

Considerações finais

Como se percebe, há um conjunto de problemas que ainda pretendemos investigar diante desse universo temático. Verificamos, assim, como os jornais funcionaram como uma fonte indispensável para elaboração de reflexões sobre a história da medicina psiquiátrica em seu cruzamento com a história das mulheres no Brasil e as discussões sobre gênero e profissionalização na ciência. O processo de ascensão profissional daquelas definidas como a primeira geração de psiquiatras foi marcado por toda sorte de dificuldades, mas, ao organizarem estratégias específicas, consolidaram suas atuações e se tornaram exitosas no campo da medicina mental. Notamos que, nessa direção, a apropriação da psicanálise e de suas variações foi uma ferramenta imprescindível para essas realizações.

Os dados disponíveis nos jornais sobre as carreiras das psiquiatras sugeriram a complexidade que marcou os anos 1940, 1950 e 1960 em relação à coexistência de diferentes *paradigmas*. Como se observou, apresentaram elementos em sua prática responsáveis por revelar a capacidade da ciência psiquiátrica se renovar, de acordo com

¹⁶ Partido político de âmbito nacional fundado no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 15 de maio de 1945, e extinto em outubro de 1965 em decorrência da aplicação do Ato Institucional nº 2. Fundado sob impulso de Getúlio Vargas, para conter o comunismo e competir com o Partido Social Democrático, teve como objetivo “atrair camadas populares, principalmente nos grandes centros urbanos, mobilizadas pela obra social e trabalhista do Estado Novo, e também pela imagem pública de Vargas.” (FERREIRA, [s.d.]).

os contextos sócio-políticos em que está inserida. Ao mesmo tempo que expressaram marcas de atualização, em muitas situações, conservaram resquícios de momentos anteriores. A questão é interessante, pois problematiza os direcionamentos e os contornos sociais que o grupo seguiu e demonstra como a ciência é desenvolvida por meio da interação entre diferentes *paradigmas*. Nesse caso, o avanço de suas carreiras chegando a cargos de chefia e direção demonstraram como essa coexistência foi uma marca nas trajetórias profissionais dessas mulheres.

Todas as psiquiatras estudadas se inseriram, de alguma forma, em diretrizes específicas que organizaram as dinâmicas da psiquiatria. Porém, também percebemos que aquelas que optaram pelo *paradigma* mais movimentado, controverso e também vigoroso, em plena expansão, inclusive com apoio significativo por parte do SNDM (MELLONI, 2009), ganharam mais visibilidade, notoriedade e influência, até em escala internacional. Não optar pela psicanálise não significou falta de inovação, carreiras improdutivas ou ausência de reconhecimento. Entretanto, abraçá-la, independentemente das diferentes correntes que a caracterizam, proporcionou, com certeza, um espaço maior para as psiquiatras e para seu sucesso.

Uma lacuna evidenciada diz respeito à relação entre as médicas e seus pacientes. Acreditamos ser indispensável investigar como funcionou essa articulação, tanto nos consultórios quanto nos hospitais e clínicas onde atuaram. Certamente, confrontar prontuários clínicos será central para entender como foi na prática a atuação clínica dessas personagens. Qual entendimento de saúde e adoecimento incorporaram, diante dos *paradigmas* que seguiram, para definir e categorizar as categorias nosológicas que mobilizaram? É possível relacionar as opções de clínica e tratamento com seus êxitos profissionais? Um repertório temático rico se abriu e, de certo, adentrar esses temas trará contribuições que concorrerão para o aprimoramento do entendimento das dinâmicas que estamos analisando.

Outros motivos podem auxiliar no entendimento sobre a diferença de projeção entre elas. O fato de existir mais reportagens e notícias sobre algumas do que outras pode ter dissimulado aspectos importantes das carreiras de Eurydice, Hercília, Juana e Ursulina, e pode resultar de processos ligados às redes desenvolvidas por cada uma. Porém, o fato das mais conhecidas serem as mesmas que aderiram à psicanálise, não nos parece mera coincidência. Trata-se, sim, de uma hipótese para ser aprofundada futuramente. Para isso, será preciso explorar as razões desse fenômeno. Por exemplo, as características intrínsecas da psicanálise, além do apoio material do qual beneficiou, como também o impacto que teve dentro da disciplina psiquiátrica com relação ao tratamento clínico e teórico das mulheres.

Nosso artigo demonstrou a profundidade das dinâmicas que estruturaram o processo de ascensão profissional das primeiras psiquiatras que atuaram no Brasil, a partir do início do século XX. À medida que amadureceram, suas carreiras foram ganhando contornos diversos e suas atuações visibilidades distintas. Observamos como alcançar postos de chefia e de comando fez parte da realidade dessas personagens, de forma que os atingir foi expressão de processamentos sociais e culturais mais amplos – comum, em alguma medida, a todas elas.

Fontes

À MEMÓRIA DE IRACY DOYLE. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ed. 00281, 12 de Abril de 1956.

ASSOCIAÇÕES científicas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 14382, 21 de Setembro de 1941.

BILHETES de Jânio. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 20897, 11 de Maio de 1961.
CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 13829, 3 de Dezembro de 1939.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 13835, 10 de Dezembro de 1939.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 13847, 24 de Dezembro de 1939.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 14793, 23 de Janeiro de 1943.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 17533, 14 de Maio de 1950.

CURSOS do Serviço Nacional de Doenças Mentais. *Correio da Manhã*, ed. 20981, 17 de Agosto de 1961.

DECRETOS do Presidente da República. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 14817, 20 de Fevereiro de 1943.

DESPACHOS presidenciais. *Correio Braziliense*, Brasília, ed. 00051, 19 de Junho de 1960.

DRA EURYDICE Borges Fortes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 13748, 10 de Setembro de 1967.

ELAS PROMETEM... . *A casa*, Rio de Janeiro, ed. 0272, 1947.

ENCERRADA ontem a semana antialcoólica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 18898, 2 de Novembro de 1954.

FUTURAS professoras ouviram uma preleção antialcoólica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 00255, 31 de Outubro de 1958.

INICIA-SE amanhã a semana antialcoólica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 15025, 24 de Outubro de 1943.

MÉDICA diz alcoolismo é cancro social. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 22567, 28 de Outubro de 1966.

NOTAS médicas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 20517, 13 de Fevereiro de 1960.

NOTAS médicas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 21776, 1 de Abril de 1964.

NOTAS médicas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. B21850, 28 de Junho de 1964.

NOVOS professores para os cursos do D. N. de Saúde. A Noite, Rio de Janeiro, ed. 14139, 7 de Julho de 1952.

SEMANA antiálcool inicia e quer bar fechado mais cedo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 22564, 25 de Outubro de 1966.

SEMANA anti-alcoólica. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 14104, 25 de Outubro de 1940.

SEMANA anti-alcoólica. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. A14715, 21 de Outubro de 1942.

SEMANA Antialcoolismo dá prêmios a redações. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 24124, 2 de Dezembro de 1971.

SOARES DE ANDRADE Maria Rita. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ed. 00257, 4 de Novembro de 1956.

U. CATÓLICA. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, ed. 12287, 7 de Dezembro de 1962.

UM GESTO nobre de uma médica paulista. Correio Paulistano, São Paulo, ed. 26556, 4 de Outubro de 1942.

UMA SUGESTÃO de Juliano Moreira contra o alcoolismo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 17404, 11 de Dezembro de 1949.

Referências historiográficas:

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Marialzira Perestrello: mulher de vanguarda e pioneira da psicanálise. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 30, p. 38–62, 2016.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 27–55, 2015.

BRAGA, André Luiz de Carvalho. O Serviço Nacional de Doenças Mentais no governo JK: a assistência psiquiátrica para o Distrito Federal. 2013. 184 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2013.

CÂMARA, Fernando Portela. A contribuição de Nise da Silveira para a psicologia junguiana. *Psychiatry Online Brazil*, v. 9, n. 3, p. 1–4, 2004.

CARVALHO, Carolina; MATHIAS, Cátia; MARCONDES, Sérgio. A divulgação da psiquiatria brasileira na imprensa (1930–1940). *Journal of Science Communication*, v. 16, n. 3, p. 1–15, 2017.

CASTRO, Rafael; FACCHINETTI, Cristiana. A psicanálise como saber auxiliar da psiquiatria no início do século XX: o papel de Juliano Moreira. *Culturas Psi*, v. 4, p. 24–52, 2015.

CHAPEROT, Christophe. Théorisations, modélisations et enseignements: les transferts de travail des héritiers de Freud et leurs formes respectives. In: CHAPEROT, Christophe. *Formes de transfert et schizophrénie*. Toulouse: Érès, 2014. p. 45–61.

CHARLE, Christophe. La prosopographie ou biographie collective: bilan et perspectives. In: CHARLE, Christophe. *Homo historicus: réflexions sur l’histoire, les historiens et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 2013. p. 98–102.

FACCHINETTI, Cristiana ; et al. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. 2, p. 733–768, 2010.

FACCHINETTI, Cristiana. História das psicoterapias e da psicanálise no Brasil: o caso do Rio de Janeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 4, p. 1106–1117, 2018.

FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 20, n. 1, p. 239–262, 2013.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81, p. 23–47, 2002.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: CPDOC. Disponível em : <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-trabalhista-brasileiro-1945-1965> Acesso em : 28 out. 2021.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; LEAL, Fabíola Xavier; ABREU, Cassiane Cominoti. A política antidrogas brasileira: velhos dilemas. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 267–276, 2008.

GOMES, Angela de Castro. População e sociedade. In: ABREU, Marcelo de Paiva; DUTRA, Eliane de Freitas; FAUSTO, Boris; GOMES, Angela de Castro; PINHEIRO, Leticia. *Olhando para dentro (1930-1964). História do Brasil nação: 1808-2010*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 41–89.

GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LAMB, Susan. *Pathologist of the mind: Adolf Meyer and the origins of american psychiatry*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014.

LIMA, Elizabeth; PELBART, Peter Pål. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 14, n. 3, p. 709–735, 2007.

LUCA, Tânia Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tânia Regina; MARTINS Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 56–66.

MAGALDI, Felipe Sales. A Unidade das Coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatra rebelde no Rio de Janeiro. 2018. 426 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MAGALDI, Felipe Sales. A arqueologia da psique: Nise da Silveira e o Grupo de Estudos C. G. Jung no Rio de Janeiro. *Praxis y Culturas Psi*, v. 33, n. 1, p. 56–79, 2020.

MARTINS, Y.; MERCIER, V. Considerações sobre as primeiras mulheres psiquiatras no Brasil: formação, atuação e estratégias de integração (décadas de 1920, 1930 e 1940). Seminário apresentado em Santé et intégration au Brésil: s'appropriier les politiques publiques pour exister (1920-1980). Paris, 2020. Disponível em: <<http://labcite.fflch.usp.br/sites/labcite.fflch.usp.br/files/inline-files/Programme%20S%C3%A9minaire%20Sant%C3%A9%20ARBRE.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2021

MARTINS, Y.; MERCIER, V. Consolidating careers: the importance of networks for brazilian women psychiatrists (1941 – 1970). Seminário apresentado em Governing Science and Technology, Governing through Science and Technology : What was at Stake for Women ? (From the late 19th to the early 21st Century). Moscou, 2021. Disponível em: <<https://gst2020.sciencesconf.org/?forward-action=index&forward-controller=index&lang=en>>. Acesso em: 9 jul. 2021

MELLO, L. C. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Edições, 2014.

MELLONI, Maria Teresa. O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização. 2009. 137 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009.

MELO, Walter. *Casa das Palmeiras: Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

MERCIER, Valentine. *Mouvements féminins et Parti Communiste au Brésil: des sociabilités militantes à la politisation des femmes (1945-1961)*. Paris: Éditions de l'HEAL, 2020.

MINARD, Michel. La psychanalyse en Amérique. In: MINARD, Michel. *Le DSM-ROI: la psychiatrie américaine et la fabrique des diagnostics*. Toulouse: Érès, 2013. p. 46–79.

MOURA, Vanessa de Almeida. Marialzira Perestrello: a trajetória profissional de uma médica e psicanalista carioca (1934-1962). 2019. 125 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro, 2019.

MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942). 2015. 356 p. Tese (doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz – FioCruz, Rio de Janeiro, 2015.

PICCININI, Walmor. Iracy Doyle Ferreira (1911-1956). *Psychiatry On-Line Brazil*, v. 15, n. 2, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. *Dicionário da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSO, J.; VENANCIO, A. T. A. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 9, p. 460–483, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SILVA, M. S. DA. *A invenção da inversão: ciência e o desejo entre mulheres*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2016.

SILVEIRA, N. *Casa das Palmeiras: a emoção de lidar (uma experiência em psiquiatria)*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

STONE, L. Prosopography. *Daedalus*, v. 100, n. 1, p. 46–79, 1971.

THE EDITORS OF ENCYCLOPEDIA. Adolf Meyer Encyclopedia Britannica. Chicago: Britannica, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Adolf-Meyer>>

TOLEDO, E. *A circulação e aplicação da psicocirurgia no Hospital Psiquiátrico do Juquery, São Paulo: uma questão de gênero (1936-1956)*. 2019. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2019.